



## Boletim do **Venerável D. António Barroso**

Director: Amadeu Gomes de Araújo, Vice-Postulador  
Propriedade: Associação dos Amigos de D. António Barroso. NIPC 508 401 852  
Administração e Redacção: Rua de Luanda, n.º 480, 3.º Esq. 2775-369 CARCAVELOS  
Tlm.: 934 285 048 – E-mail: vicepostulador.antoniobarroso@gmail.com  
Publicação trimestral | Assinatura anual: 5,00€

III Série

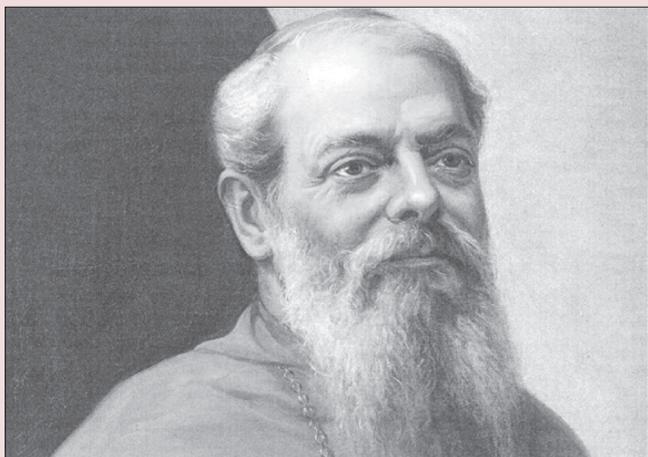
Ano VIII

N.º 23

Abril / Junho de 2018

### **ENTRADA SOLENE DE D. MANUEL LINDA NA DIOCESE DO PORTO (15/04/2018)**

Na homilia da entrada na Diocese, D. Manuel Linda recordou o «eminente e inesquecível D. António Barroso, cujo báculo acompanhou todos os meus antecessores, desde há cem anos e, agora, me sustenta a mim próprio».



Como recordação do seu regresso à Diocese após o exílio, os párocos da cidade do Porto brindaram D. António Barroso com um báculo de prata, que agora foi usado por D. Manuel Linda. Quis a Providência que a entrada solene de D. Manuel na Diocese ocorresse no ano do centenário da morte do insigne bispo missionário.

D. António José de Sousa Barroso faleceu em 31 de Agosto de 1918, com 63 anos de idade, muito envelhecido, vítima de paludismo, doença que contraíra em África, quando missionário. Sucede-lhe agora D. Manuel da Silva Rodrigues Linda, de 62 anos de idade.



## ENTRE A MONARQUIA E A REPÚBLICA OS TEMPOS DE D. ANTÓNIO BARROSO NO CENTENÁRIO DA SUA MORTE (1918/2018)

7 de junho

**A sociedade, o Estado e a Igreja  
entre a Monarquia e a República**

9h30 **Abertura**

10h00 **O século XIX em Portugal:**

**Algumas linhas interpretativas**

Jorge Fernandes Alves - CITCEM-UP

10h45 Intervalo (Coffee-break)

11h15 **Secularização e laicidade  
na emergência da Primeira  
República**

Fernando Catroga - FLUC

12h00 Debate

13h00 Almoço

14h30 **Catolicismo no trânsito do  
século XIX para o século XX**

António Matos Ferreira - CEHR-UCP

15h15 **O contexto missionário português  
na viragem do século: Do Mapa  
Cor-de-Rosa do Padroado à  
"Concordata impossível"**

Hugo Gonçalves Dóres - CES-UC;  
CEHR-UCP

16h00 Intervalo (Coffee-break)

16h30 **O clero português no século XIX  
e no início do século XX**

Sérgio Ribeiro Pinto - CEHR-UCP

17h15 Debate

18h00 **Visita ao Museu do Seminário Maior  
de Nossa Senhora da Conceição -  
Porto**

8 de junho

**Um homem no seu tempo:  
da vida e da ação pastoral de  
D. António Barroso**

10h00 **A Igreja Portucalense nas últimas  
décadas do século XIX**

Adélio Fernando Abreu - CEHR-UCP

10h45 Intervalo (Coffee-break)

11h15 **D. António Barroso: "Pobre nasci,  
rico não vivi e rico não quero  
morrer"**

António Júlio Limpo Trigueiros  
- Revista *Brotéria*

12h00 Debate

13h00 Almoço

14h30 **D. António Barroso:**

**O missionário ao serviço  
do Padroado português**

Amadeu Gomes de Araújo  
- CEHR-UCP

15h15 **D. António Barroso: O bispo  
portucalense**

Carlos A. Moreira Azevedo - Conselho  
Pontifício para a Cultura; CEHR-UCP

16h00 Debate

16h30 Intervalo (Coffee-break)

17h00 **Lançamento do livro *Dos Homens  
e da Memória: Contributos para a  
história da Diocese do Porto***

18h00 **Visita ao Paço Episcopal**

21h30 **Concerto**

**A Diocese do Porto, com a colaboração do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica, organizou um colóquio sobre a época, a vida e a acção pastoral de D. António Barroso. Uma reflexão sobre o cenário político, social e eclesial em que o bispo missionário actuou, no curto período de tempo que lhe foi dado viver, entre a Monarquia e a República. A notável iniciativa realizou-se, com êxito, no auditório do Paço Episcopal, nos dias 7 e 8 de Junho.**

## D. ANTÓNIO BARROSO: A VIDA QUE É MISSÃO



Por **Adelino Ascenso,**  
Superior Geral da SMBN

1. «Não é que a vida tenha uma missão, mas a vida é uma missão». São palavras do filósofo espanhol Xavier Zubiri, citadas pelo Papa Francisco na sua exortação apostólica *Gaudete et Exultate* (GE, 27). Sim, a missão deve ser encarada como desafio e aventura, que é a própria vida de esperança e dor, em saída destemida de nós mesmos, em busca de sonhos. Preparados para a marcha, sem nos deixarmos tolher por medos de desertos tórridos ou mares encapelados, pois «a ousadia e a coragem apostólica são constitutivas da missão» (GE, 131). Assim como somos convidados a sermos santos no quotidiano da nossa trivialidade, também somos exortados a fazermos com que a nossa existência seja uma verdadeira missão de encontro, de descoberta, de abertura à surpresa. Sim, porque a maravilha do desafio da missão está na sua imprevisibilidade e na «rebelia» do Espírito, que não se deixa prender ou limitar, porque «sopra onde quer» (Jo 3,8).

2. Penso que no Colóquio de 7-8 de junho de 2018, intitulado *Entre a Monarquia e a República: os tempos de*

D. António Barroso no centenário da sua morte, foi bem evidenciada – explícita e implicitamente – a dimensão da vida como missão. Sim, toda a vida de D. António Barroso foi missão: não apenas os vinte anos em Angola e Congo, Moçambique e Meliapor, mas a sua existência na totalidade. As suas sandálias de peregrino levaram-no a terras distantes, forçaram-no a calcorrear terrenos inóspitos, ao encontro da real còdea dos dias e em busca apaixonada de transparência, de confiança e de espaço para o Espírito que o impelia. Acreditava e, por isso, as suas palavras realizavam o que significavam; o seu amor à verdade cunhava-o de inabalável firmeza e a sua grande intuição abria sendas de luz no enleado das decisões difíceis que deviam ser tomadas

3. Como despertar em nós a consciência para a missão numa civilização «pós-humana», complexa, fragmentada, egocêntrica, sedenta de interioridade e de afetividade?

Como incutir solidez a um mundo onde as respostas se nos escapam e as perguntas são cada vez mais acutilantes?

É certo que neste tempo, em que, mais do que nunca, a urgência do paradigma do testemunho é onnipresente, necessitamos de verdadeiros modelos, cuja experiência nos envolva e nos cative. Não palavras ocas, mas sim sinais audaciosos de entrega total e de risco; não um deambular por planuras do supérfluo, mas um palmilhar terrenos pedregosos em que os obstáculos dão novo sabor à existência.

4. A Conferência Episcopal Portuguesa garantiu que «a dimensão missionária estará subjacente às iniciativas pastorais diocesanas e nacionais ao longo do Ano Missionário, que será vivido no encontro com Jesus Cristo na Igreja, na liturgia, no testemunho dos santos e mártires da missão, na formação bíblica, catequética, espiritual e teológica, e na caridade missionária» (194.ª Assembleia Plenária da CEP, abril 2018). Vários eventos estão a ser cuidadosamente preparados. Não deixemos que nos escape esta dádiva, pois podemos, nos nossos olhares lânguidos ou apáticos, correr o risco de perdermos de vista aquilo que nos poderia realizar como



peças. Sim, precisamos do alento de exemplos concretos que nos avivem a memória. O grande bispo missionário D. António Barroso poderá ser modelo daquele que é – em si mesmo – missão e que, como tal, se empenha fervorosamente, pois – diz o Papa Francisco – «somos frágeis, mas portadores de um tesouro que nos faz grandes e pode tornar melhores e mais felizes aqueles que o recebem» (GE 131).

## D. ANTÓNIO BARROSO NAS MEMÓRIAS DA CONDESSA DE VILA FLOR UM TESTEMUNHO INÉDITO



Por António Júlio Limpo Trigueiros, SJ

São numerosos os testemunhos que continuam a aparecer sobre a vida de D. António Barroso. Aproveitamos este ano do centenário da morte de D. António Barroso para divulgar alguns documentos inéditos que são mais um contributo para a sua biografia.

Tivemos acesso a um pequeno manuscrito pertencente a uma família que privou de perto com D. António Barroso.<sup>(1)</sup> Trata-se de um testemunho inédito da autoria da Condessa de Vila Flor, D. Maria José de Azeredo Teixeira de Aguiar Manoel de Vilhena (1864-1951), filha do Conde de Samodães que se casara em 1897, com D. Tomás Maria de Almeida Manoel de Vilhena (1864/1932), 8º Conde de Vila Flor. O casamento realizado no dia 28 de Maio de 1897, no oratório da casa do Conde de Samodães, na rua do Sol, n.º 29, na freguesia da Sé, na cidade do Porto, foi presidido por D. António Barroso, ainda Bispo de Himéria, grande amigo do noivo e do pai da noiva, o 2º Conde de Samodães, como se pode comprovar pelo assento de casamento que aqui publicamos e pelo próprio testemunho da Condessa de Vila Flor.

O 2º Conde de Samodães, Francisco de Azeredo Teixeira de Aguiar (1828/1918), faleceu pouco mais de um mês após a morte de D. António Barroso, no dia 3

de Outubro de 1918. Ocupou cargos de destaque: foi deputado, governador civil do Porto, Ministro da Fazenda, presidente da Câmara Municipal do Porto. Católico militante foi presidente da Acção Católica e veio a ser condecorado com a Grã Cruz de Pio IX da Santa Sé e com a medalha “Pro Ecclesia et Pontifice”.<sup>(2)</sup>

A filha, D. Maria José de Azeredo Teixeira de Aguiar, autora do escrito que aqui divulgamos, nasceu a 6 de Novembro de 1863, na casa da rua da Porta do Sol, n.º 6, na freguesia da Sé, no Porto e foi senhora da Casa Grande de Gogim, por herança de seu pai. Colaborou em vários jornais da capital, tendo sido agraciada com a Cruz “Pro Ecclesia e Pontifice”. Veio a falecer a 24 de Março de 1951, na sua casa à Costa do Castelo, em Lisboa, onde viveu após o seu casamento, tendo recebido em casa como pessoa de família a D. António Barroso. A casa conserva aliás, ainda hoje, um retrato emoldurado de D. António.

O genro, D. Tomás Maria de Almeida Manoel de Vilhena, 8º Conde de Vila Flor, nasceu a 26 de Junho de 1863, na freguesia de S. Jorge de Arroios, Lisboa e veio a falecer a 12 de Janeiro de 1942, na sua casa da Costa do Castelo, na freguesia de S. Cristóvão. Diplomado com o curso superior de Letras foi governador civil de Braga e do Funchal, deputado, um dos fundadores da Juventude Católica, escritor, agraciado com inúmeras comendas e condecorações. Era muito amigo de D. António Barroso, como testemunham os escritos de sua mulher, que aqui transcrevemos, tendo-o acompanhado quer na sua solene entrada no Porto, quer nos tempos da perseguição republicana.

Do já referido casamento de D. Maria José com D. Tomás Maria, presidido por D. António Barroso, nasceu um único filho, D. Francisco Maria Martinho de Almeida Manoel de Vilhena, nascido a 5 de Novembro de 1898, no Porto e que

veio a ser o 9º Conde de Vila Flor e 2º Conde de Alpedrinha, tendo falecido a 24 de Dezembro de 1987, em Lisboa. Casara em 1.ª núpcias com D. Maria de Lourdes Corrêa da Silva de Sampaio Mello e Castro, deixando duas filhas.<sup>(3)</sup>

Transcrevemos na íntegra o manuscrito de D. Maria José, Condessa de Vila Flor, relativo a D. António Barroso:

*“D. António Barroso. Nasceu em berço humilde, tinha a grande maneira de um fidalgo e as virtudes dum santo. Foi sua terra natal Remelhe, no concelho de Barcelos, onde viu a luz do dia a 5 de Novembro de 1854. Saído do Colégio das Missões Ultramarinas em Cernache do Bonjardim onde fez um curso brilhante foi ordenado de presbytero em 1879. Enviado logo para Angola, aí o Prelado da Diocese, D. José Sebastião Neto, o nomeou Superior da Missão recentemente fundada de S. Salvador do Congo. Lá permanecendo dez anos consecutivos; o seu labor foi incansável e a sua saúde ficou para sempre atingida. Ninguém estava mais indicado para a Prelazia de Moçambique. Nomeado e sagrado Bispo de Hymeria para lá partiu pelo ano de 1891.*

*Não se contentou em governar a vasta diocese do seu paço episcopal, através de mil dificuldades e incómodos percorreu toda a costa chegando ao Zumbo do Blantepe e de Nyassa. Tinha dois fitos: levar a luz do Evangelho e firmar de uma maneira prática e positiva, perante muitas cobiças, os nossos incontestáveis direitos àquelas paragens, baseados na posse patente, pacífica e ininterrupta de mais de quatro séculos de ocupação. Entretanto ia fundando institutos de educação, a destacar-se de entre eles o Instituto Leão XIII na Cabaiceira Grande para crianças do sexo feminino.*

*Transferido para a diocese de S. Tomé de Meliapor do Real Padroado Português do Oriente, onde identicamente se assinalou não lhe foi permitido deter-se*

por lá, pois que o falecimento do Cardeal D. Américo, Bispo do Porto, sucedido em janeiro de 1899 o fez chamar para a sua sucessão.

A sua entrada na diocese do Porto a dois de agosto de 1900 foi verdadeiramente triunfal, como talvez nunca se tivesse visto. Autoridades e povo, tudo ocorreu espontâneo e com entusiasmo. Meu marido que nessa ocasião estava acidentalmente no Porto, em casa de meus pais, e que era grande amigo do Bispo, acompanhou nessa jornada memorável, assim como noutra jornada de enxovalho e apuro anos volvidos, na vigência da República, ele o quis acompanhar, percorrendo as estações de caminho de ferro e os caminhos à sua procura. Não conseguiu encontrá-lo, porque o ministro da justiça de então, de nome Afonso Costa, o mandara conduzir a sua casa por sítios que se não esperava.

Desfrutava D. António Barroso os bens da mitra do Porto que ao tempo era a mais bem dotada diocese do país, mas a sua algibeira estava permanente vazia, porque pertencia a todos que precisavam. Para fazer caridade era pródigo. Na Câmara dos Pares de que fazia parte, como todo o prelado da

Metrópole no tempo da monarquia, a sua voz iria sempre que fosse necessário para defender os altos interesses da Religião e da Pátria.

Por duas vezes mereceu a honra de ser castigado pelos governos da República, de uma vez foi banido da sua diocese por espaço de dois anos, porque assinara a Pastoral Coletiva do Episcopado Português, que dava a necessária orientação à consciência católica do país; da segunda... mais adiante, porque o delito tinha sido gravíssimo – dera autorização canónica a uma senhora para formular votos religiosos individuais. Novamente por dois anos era expulso da sua diocese, mas proibido de residir nos distritos de Porto e Braga e seus limites, sem prejuízo de processo criminal.

As suas missões heróicas no Congo e em Moçambique, as canseiras na diocese de Meliapor e os trabalhos e desgostos no Porto tinham minado o seu forte organismo tão intoxicado pelas emanações palustres dos climas tropicais.

Acompanhado por um sentimento geral de toda a diocese e todo o país, D. António Barroso exalava o último alento na sua residência em Sacais, onde tinha encontrado refúgio depois da sua expulsão do imponente Paço

Episcopal, que nunca mais regressou ao seu possuidor e devido destino.

Para além ou para alguém da sua alta personalidade religiosa e patriótica, Barroso era para meu marido um amigo dileto e provado de muitos anos, tanto que quis esperar por ele para ser celebrante do seu casamento, que teve lugar no Porto na capela particular dos Condes Samodães.

Caso pouco vulgar foi esse casamento celebrado por dois prelados ultramarinos, de longa barba comprida. Um, D. Henrique da Silva Reed, que acabava de resignar à mitra de Meliapor, rezou a missa, e Barroso, então Bispo de Hymeria, lançou a bênção nupcial.

Mais tarde, nas suas vindas a Lisboa, várias vezes tivemos a honra e satisfação de o hospedar em nossa casa como pessoa de família.

Recordo ainda com saudade uma estância que aconteceu fazermos ao mesmo tempo que ele, no ano de 1907, em Vidago. Não estava ainda terminado o Grande Hotel, que andava em construção. Havia vários pequenos hotéis, o melhor situava-se num bom e espaçoso edifício era dirigido por uma senhora americana de grande competência profissional. O hotel, sem ser nenhum pa-



**D. Maria José de Azeredo Teixeira de Aguilár Manoel de Vilhena, Condessa de Vila Flor (autora do manuscrito aqui publicado)**

**D. Tomás Maria de Almeida Manoel de Vilhena (1864/1932), 8º Conde de Vila Flor (grande amigo de D. António Barroso)**



lace, era mantido em muito boa ordem e era agradável e cómodo. Ocupavam-no nessa ocasião vários hóspedes, que se entretinham conforme os seus gostos. Sem qualquer prévia combinação, sucedia que às noites nos juntávamos numa pequena sala comum, meu marido e eu, meu pai, o Bispo Barroso e o conselheiro João Arroyo<sup>(4)</sup> e mulher. A atuação política de Arroyo naquele momento não nos era simpática, mas não se pode viver em regime arame farpado, sobretudo em instâncias de águas. E assim nessas improvisadas seroadas conversava-se, ou antes ouvíamos divagar aquele antigo ministro. Era um conversador incomparável, como simplicidade num timbre de voz muito claro e puro, ele contava anedotas, abordava com critério, conhecimento e pontos de vista originais, que não escandalizavam, os mais variados assuntos filosóficos, históricos, políticos, artísticos, e em todos eles se sentia à vontade. Música era um dos seus temas prediletos; referia-se à sua ópera Leonor Telles que não tinha ainda conseguido levar a cena. Lembro-me de uma frase da ópera, que ele tinha tratado com especial carinho – Ecco l'abandonata!

Meu marido, músico apaixonado, ouvia-o com a maior atenção, mas todos o escutavam com interesse e sem cansaço, a ponto dos três principais ouvintes, o Bispo, meu pai e meu marido, que também eram bons conversadores e tinham um fundo largo de conhecimentos e de experiências, constituíam pouco mais que auditório silencioso. Até o meu filho, uma criança de poucos anos, que entrava e saía constantemente da sala, às vezes se quedava a ouvi-lo, fascinado por aquela pirotecnia de frases expressivas, como uma chuva de estrelas. A mulher, culta, simpática e agradável ouvia-o também embevecida.

Sucedeu que não tornamos a ter qualquer aproximação com este casal. Pouco depois, deram-se no país acontecimentos trágicos de desastrosas consequências. Volvido pouco tempo falecia João Arroyo e a mulher brevemente o acompanhava no túmulo, como sua incomparável companheira fora em vida.”

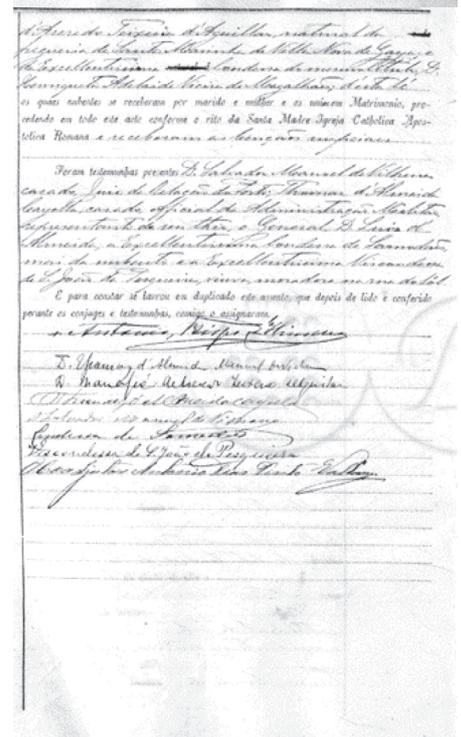
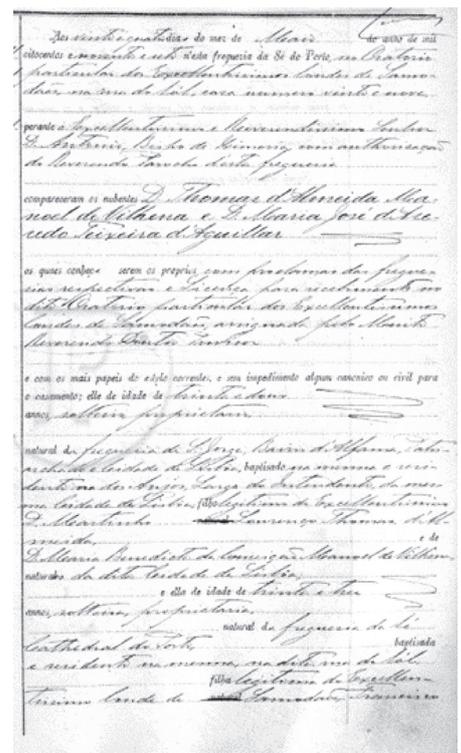
## NOTAS:

(1) **Agradecemos a amabilidade da Ex.ma Senhora D. Leonor Manoel de Vilhena Gomes Barroso, que nos facultou acesso a este manuscrito, da autoria de sua bisavó materna, autorizando que seja aqui publicado. A Senhora D. Leonor, por via paterna é parente de D. António Barroso, pertencendo ao ramo da família Gomes Barroso que se fixou na freguesia de Gilmonde, na Casa do Cruzeiro.**

(2) **Cónego A. Ferreira Pinto, “Conde de Samodães”, in Boletim Cultural do Porto, Porto, 1942.**

(3) **A mais velha, D. Maria Luísa da Conceição de Almeida Manoel de Vilhena (1927/1998), foi escritora e assessora do Primeiro Ministro no X governo Constitucional, Aníbal Cavaco Silva, sucedendo nos títulos de Vila Flor e Alpedrinha, foi casada com o Conde de Azarujinha, Jaime Augusto Lasso de La Veja Lima de Freitas. A mais nova, D. Maria José Benedita d’Almeida Manoel de Vilhena (1929/2015), foi casada com o Dr. Duarte Nuno Gomes de Lima Barroso, diplomata, parente de D. António Barroso.**

(4) **João Marcelino Arroio (Porto, 4 de Outubro de 1861- Casas Novas, Colares, Sintra, 18 de Maio de 1930), mais conhecido por João Arroio ou João Arroyo, foi um jurista, professor universitário, músico e político português. Estudou Direito na Universidade de Coimbra, de que viria a ser professor catedrático. Foi deputado, par do Reino e por três vezes ministro, distinguindo-se como orador parlamentar brilhante e intelectual de grande mérito, dedicando-se desde novo à composição musical.**



**Assento de casamento dos Condes de Vila Flor, realizado no Porto a 28 de Maio de 1897 e assinado por D. António Barroso, ainda Bispo de Híméria, que presidiu ao casamento.**



**1918 – 2018**

## **CENTENÁRIO DA MORTE DE D. ANTÓNIO BARROSO**

### **PROGRAMA**

#### **REMELHE . BARCELOS . PORTO . CERNACHE DO BONJARDIM**

**7 - 8 DE JUNHO DE 2018 .** Colóquio “Entre a Monarquia e a República. Os Tempos de D. António Barroso no Centenário da Sua Morte”. Organização: Diocese do Porto com a colaboração da Universidade Católica. Conferencistas: D. Carlos Azevedo, Fernando Catroga, António Matos Ferreira, Jorge Alves, Amadeu Araújo, António Trigueiros, Hugo Soares. Local: Auditório do Paço Episcopal do Porto.

**31 DE AGOSTO DE 2018 .** 10:30h – Missa Solene na Igreja Matriz de Barcelos. 12:00h – Descerramento de placa junto ao Monumento a D. António Barroso, em Barcelos, e deposição de coroa de flores. 16:00h – Visita ao túmulo de D. António Barroso, em Remelhe, com descerramento de placa e deposição de coroa de flores. 17:30h – Inauguração da Exposição Documental e Iconográfica sobre a vida e obra de D. António Barroso, no Salão Nobre dos Paços do Concelho (aberta ao público até 23/09/2018). 18:00h - Homenagem aos Missionários Barcelenses, no Salão Nobre dos Paços do Concelho. 21:30h – Sessão Cultural, no auditório dos Paços do Concelho. Conferência “D. António Barroso e a sua terra natal”, pelo Padre António Júlio Limpo Trigueiros, SJ; Conferência “D. António Barroso: Bispo do Porto e Venerável da Igreja Católica”, por D. Carlos Azevedo, da Comissão Pontifícia da Cultura, Vaticano; Moderador: Padre Manuel Vilas Boas. 23:00h – Actuação do Coral Magistrói, no Claustro dos Paços do Concelho.

**2 DE SETEMBRO DE 2018 .** 8:30h – Romagem do Arciprestado de Barcelos: Caminhada de Barcelos a Remelhe (com a chegada à capela-jazigo prevista para as 10:30h).

11:00h – Missa solene na igreja paroquial de Remelhe (transmitida pela TVI).

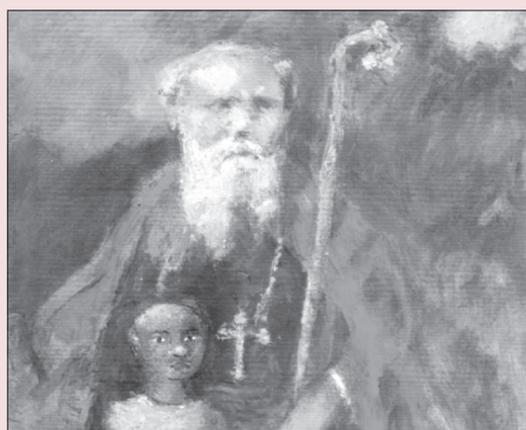
**21 DE OUTUBRO DE 2018 .** Inauguração de Monumento à Missionaçã Portuguesa, em Cernache do Bonjardim (homenagem a D. António Barroso e os 317 Missionários formados no Colégio das Missões Ultramarinas).

**10 DE NOVEMBRO DE 2018 .** Sessão Cultural, no auditório dos Paços do Concelho. 14:30h – Conferência “D. António Barroso: o Cidadão, o Político e o Bispo”, pelo Doutor António Matos Ferreira, Professor da Universidade Católica, Lisboa; Conferência “D. António Barroso, Bispo do Padroado Português”, pelo Doutor Amadeu Gomes de Araújo, Vice-Postulador da Causa da Canonização de D. António Barroso; Conferência “D. António Barroso e Dr. Martins Lima: encontros e desencontros de dois Barcelenses ilustres”, pelo Dr. Victor Pinho, Bibliotecário do Município de Barcelos; Moderador: Padre Manuel Vilas Boas. 18:00h – Actuação do Conservatório de Música de Barcelos. Verde d’Honra. 18:30h – Lançamento de livro de estudos sobre D. António Barroso. 19:00h – Abertura de Exposição Missionária dos Institutos Missionários “Ad Gentes”, no Salão Nobre da Câmara Municipal (aberta ao público até 9 de Dezembro).

**OUTRAS INICIATIVAS: 1** – A vida de D. António Barroso, em banda desenhada. **2** – Concurso inter-escolas, de textos/desenhos sobre a vida e a obra de D. António Barroso. **3** – Concurso de trabalhos de artesanato sobre a figura de D. António Barroso. **4** – Moeda Comemorativa do Centenário.

### **ORAÇÃO AO VENERÁVEL D. ANTÓNIO BARROSO**

**Senhor nosso Deus, que quiseste dar ao Vosso servo António Barroso, missionário e bispo, os dons do zelo apostólico, da coragem evangélica, do amor à Igreja e aos pobres, do desprendimento pessoal, da serenidade, da bondade, da fortaleza na perseguição e da santidade, fazei que, honrando a sua memória e participando das suas graças, mereçamos imitar os seus exemplos de vida cristã, e participar da Vossa glória. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo.**



CENTENÁRIO  
DA MORTE DE  
**D. ANTÓNIO  
BARROSO,  
BISPO DO  
PORTO**  
(1918-2018)

